

Combatente em busca do voto de consciência

Jeitão de político britânico invariavelmente trajado a caráter (terno escuro, camisa clara, gravata escura e sapatos de bicos finos, sempre engraxados), 12 anos conselheiro da Ordem dos Advogados do Brasil, oito dos quais ocupando o cargo de presidente (eleito uma vez por unanimidade e reeleito três do mesmo jeito), mineiro de Manhuaçu, com 52 anos de idade e 25 de Brasília, onde foi sempre um espinho na carne do regime militar ou, pelo menos, "persona non grata" — Maurício Corrêa de repente trocou o amplo e confortável gabinete do prédio da OAB na W-3 Norte pelos botecos das satélites, o sobe-e-desce nos prédios do Plano Piloto e o bate-perna pelas artérias do Setor Comercial Sul, agora trajando apenas uma camisa esportiva. E a julgar pelos inúmeros cumprimentos que recebe e pelas muitas palavras de solidariedade que ouve, o candidato ao Senado pelo

PDT está no rol dos três senadores eleitos pelo DF no próximo dia 15. Aos eleitores de espírito menos cívico que cruzam com Maurício nesta campanha exaustiva e peripatética, que começa às 6 da manhã e só termina tarde da noite, e que lhe pedem coisas como dinheiro, um "chão" ou pagamento de despesas em mesas de bar — ele sempre dá um sonoro não, alterando a voz e o gesto, conforme cada caso. Mas isso não quer dizer que o advogado Maurício Corrêa não saiba dialogar com o público, até muito ao contrário. Sem esforço, com a maior naturalidade, ele estende a mão aos transeuntes de várias classes, invariavelmente com uma introdução que sempre abre caminho ao diálogo:

— "Se você ainda não escolheu o seu candidato, vamos juntos nessa?"

FERNANDO PINTO
Repórter Especial

Depois de participar de cinco comícios no domingo e ter ido dormir por volta das duas da madrugada de segunda-feira, Maurício Corrêa marcou encontro com o repórter para às 8h30, quando começaria a sua agenda do dia — rotina de 16 a 17 horas de trabalho de campanha que ele vem cumprindo religiosamente há quase dois meses. Na hora combinada, subimos ao salão de seu bonito apartamento na 111 Sul, onde o candidato estava perfilado de terno escuro completo (seu traje habitual) diante de uma câmera de tevê, gravando a sua última fala para o programa eleitoral que iria ao ar no dia 12. Com Clímerio Desmontes, presidente do PJ, funcionando de contra-regra, ele repete de improviso nada menos de três mensagens, uma das quais será escolhida para ir ao ar. O que para certos candidatos trata-se de verdadeiro esforço de memória na repetição e gaguejamento de palavras decoradas, para o presidente da Ordem dos Advogados do Brasil não passa de um entretenimento improvisado em cima do tema, como se fosse um jazz de palavras.

— "Se você viesse mais tarde, encontraria todo o pessoal aí..."

Mesmo assim, o corpo-a-corpo prossegue nos outros andares, onde Maurício é recebido pelos respectivos chefes de seções. E o intrôito ao diálogo vale sempre como uma boa abertura:

— "Vamos juntos, nessa?"

A esta altura, duas cabos eleitorais espontâneas — Cleonice Maria de Jesus e Márcia Ribeiro — fazem questão de levar o visitante até seus colegas, facilitando o trabalho de Messias, que continua ao lado de Maurício. Entre o trajeto a pé do 7º para o 6º andar, o candidato quer saber do administrador:

— "Como está a minha situação lá no Núcleo Bandeirante, Messias?"

— "Está ótima, doutor..."

E pelo dito e ouvido, a situação do candidato do PDT ao Senado está também ótima ali entre os que trabalham na EBN, isso em todos os andares. De 10 funcionários com quem conversa, nove garantem que vão votar em Maurício Corrêa. Só faltam jurar. No segundo subsolo do prédio, onde funciona a Associação dos Empregados e a Manutenção o funcionário Antônio faz uma sugestiva pergunta ao recém-chegado:

— "Como é que é, doutor Maurício, como vai ficar aquele negócio de Delfim, aquela trapalhada da Capem e os outros crimes do pessoal do colarinho bran-

co? Vai ficar esquecido do jeito que tá?"

— "O nosso voto é do senhor, doutor Maurício..."

O candidato agradece e estabelece um diálogo que dura cerca de cinco minutos, como se fosse um grupo de amigos que acabaram de se encontrar. A essa altura incorpora-se ao diálogo o chefe da administração do edifício, Messias, que a custo consegue levar pelo braço o candidato para dentro da EBN, onde o (provavelmente) futuro senador entra exatamente às 10h05 e só sai às 10h50, total de 45 minutos de visita sem um minuto de intervalo, todo o tempo preenchido com abraços efusivos e diálogo sem evasivas. No 3º andar, o superintendente da EBN, Luiz Recena, abre as portas da empresa, lamentando apenas que àquela hora a Redação esteja vazia:

— "Se você viesse mais tarde, encontraria todo o pessoal aí..."

Mesmo assim, o corpo-a-corpo prossegue nos outros andares, onde Maurício é recebido pelos respectivos chefes de seções. E o intrôito ao diálogo vale sempre como uma boa abertura:

— "Vamos juntos, nessa?"

A esta altura, duas cabos eleitorais espontâneas — Cleonice Maria de Jesus e Márcia Ribeiro — fazem questão de levar o visitante até seus colegas, facilitando o trabalho de Messias, que continua ao lado de Maurício. Entre o trajeto a pé do 7º para o 6º andar, o candidato quer saber do administrador:

— "Como está a minha situação lá no Núcleo Bandeirante, Messias?"

— "Está ótima, doutor..."

E pelo dito e ouvido, a situação do candidato do PDT ao Senado está também ótima ali entre os que trabalham na EBN, isso em todos os andares. De 10 funcionários com quem conversa, nove garantem que vão votar em Maurício Corrêa. Só faltam jurar. No segundo subsolo do prédio, onde funciona a Associação dos Empregados e a Manutenção o funcionário Antônio faz uma sugestiva pergunta ao recém-chegado:

— "Estou fazendo um

— "Estou fazendo um